

todoxo que podríamos sin más centrar en tres categorías: Persona, Comunión e Iglesia. El autor, buscando sólidas bases en la primitiva comunidad cristiana y en la patrística, pretende (y lo logra satisfactoriamente) presentarnos una identidad eclesial, desde varios de sus aspectos importantes, como un verdadero acontecimiento de comunión.

Es así una contribución necesaria para liberarnos de cierta amputación del aporte oriental a un tema tan esencial de nuestra fe que nos convoca a caminar juntos a la hora de saber quiénes somos y qué somos capaces de construir como seres eclesiales, seres comunionales como servicio a la historia salvífica en el aquí y ahora de nuestra historia hodierna. Es sin duda una lectura purificadora de prejuicios y sobre todo provocadora para realizar una existencia cristiana que pueda presentarse con tanta autoridad como el cristianismo primitivo.

(Reseñado por Antonio Fidalgo, CSsR., ETAP)



A Fita Branca

A Fita Branca (Das weiße Band, 2009). Roteiro e Direção: Michael Haneke (Alemanha/Áustria/França/Itália), 144 minutos. Elenco: Christian Friedel, Ernst Jacobi, Leonie Benesch, Ulrich Tukur, Ursina Lardi, Burghart Klaußner, Steffi Kühnert, Josef Bierbichler. Palma de Ouro (Melhor Filme) no Festival de Cannes. <http://dasweisseband.x-verleih.de/>

Situada num pequeno vilarejo protestante na Alemanha às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a sequência de acontecimentos violentos que vai emergindo

na trama de “*A Fita Branca*”, poderia ser ambientada em qualquer pequena ou grande cidade da Europa ou da América Latina.

O barão dono das terras e seus empregados submissos, o médico autoritário, a parteira e seu filho com problemas mentais, o pastor protestante rigoroso, o professor tímido, um bando de crianças reprimidas e entediadas... poderiam dar lugar a tantos outros personagens do quotidiano que são, ao mesmo tempo, vítimas e sujeitos da violência, gratuita ou com causa.

Michael Haneke, um dos mais reconhecidos diretores da atualidade e que costuma provocar perplexidade e mal-estar por abordar a violência, física ou psicológica, inclusive contra crianças, de forma muito direta, sem rodeios, trata, mais uma vez, uma das questões que a todos intriga: o que faz com que uma sociedade se torne violenta e, mais, tolere a violência e a reproduza, tanto na escala das relações interpessoais como nas relações internacionais? Em outras palavras: qual é a raiz do mal?

Uma observação desavisada e superficial do filme poderia compreendê-lo apenas como mais uma tentativa de explicar o surgimento do nazismo e das barbáries que assolaram a Europa no século XX. A proposta de Haneke, no entanto, parece ir muito além. O grupo de crianças que são doutrinadas com alguns ideais e que, por não terem a oportunidade de compreender o mundo de outra forma, se tornam juízes dos outros aplicando-lhes as punições a que foram submetidos, representam, com efeito, o risco que corre todo grupo social, restrito ou amplo, que erige uma ideologia totalitária como fator de coesão e de sentido de vida pessoal e institucional. E isso serve para todas as ideologias totalitárias, sejam de direita ou de esquerda e para toda forma de totalitarismo, inclusive religioso. A violência totalitária, mais cedo ou mais tarde, volta-se contra aqueles que a fomentaram. Infelizmente, depois de fazer muitas vítimas entre inocentes.

Filmado em preto e branco e sem o recurso a efeitos especiais mirabolantes, “*A Fita Branca*”, não deixa ninguém levantar-se da sala de cinema sem pensar nas violências, físicas, psicológicas e de toda ordem que, no dia-a-dia, todos sofremos ou fazemos os outros sofrer.

(Reseñado por Vanildo Luiz Zugno, OFMCap., ETAP)